



Personificação da educação para as relações étnico- raciais: percursos da prática educativa lúdica

Embodiment of education for ethnic-racial relations: paths of playful educational practice

COSTA, Geisa M. N.¹ e de Lima Mendes, M. P.²

Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID), Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Avenida Centenário, SIM, 44085132, Feira de Santana, BA - Brasil.

¹E-mail: geisamncosta@gmail.com, ²E-mail: maricleide.mendes@ufrb.edu.br

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa concluída do Mestrado Profissional em Educação Científica e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O objetivo principal perpassou por identificar como se constituem as práticas educativas lúdicas desenvolvidas pelos professores do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma unidade de ensino da rede Municipal de Feira de Santana para a Educação das Relações Étnico- Raciais (ERER). Elucidamos a seguinte questão: Como a ERER e o uso da ludicidade aparecem nas práticas educativas docentes no Ensino Fundamental Anos Iniciais? O estudo teve-se no viés metodológico da abordagem qualitativa, fundamentado na pesquisa participante e, utilizou-se do questionário, entrevista semiestruturada e da observação participante para obter dados. A análise e tratamento dos dados obtidos no estudo foram realizados por meio da Categorização. Os resultados demonstram a necessidade urgente de atualização no tocante às bases legais da ERER e a aplicabilidade no currículo da escola, e, ainda, acentuam a carência das apropriações lúdicas nas práticas educativas, pois foi evidenciada a ausência de planejamento que abarque a Lei nº 11.645/2008, bem como o estado de desatualização acerca dos potenciais lúdicos para educar para diversidade. O fruto desta pesquisa corporifica-se na produção do livro paradidático intitulado “*Cada nome, uma história. Qual é a sua*”, material para propagação da educação antirracista. Dessa maneira, esperamos que o estudo seja utilizado por outros pesquisadores, dando continuidade à propagação da educação antirracista.

Palavras-Chaves: ERER; prática educativa; ludicidade; produto educacional

Abstract: This work is the result of a completed research for the Professional Master's Degree in Scientific Education and Diversity at the Federal University of Recôncavo da Bahia. The main objective was to identify how the playful educational practices developed by Elementary School teachers in the Initial Years of a teaching unit of the Municipal Network of Feira de Santana for the Education of Ethnic-Racial Relations (ERER) are constituted. We elucidate the following question: How do ERER and the use of playfulness appear in the educational practices of teachers in Elementary School in the Initial Years? The study followed the methodological bias of the qualitative approach, based on participatory research, and used the questionnaire, semi-structured interview and participant observation to obtain data. The analysis and treatment of the data obtained in the study were carried out through Categorization. The results demonstrate the urgent need to update the legal bases of ERER and its applicability in the school curriculum and highlight the lack of playful appropriations in educational practices, since the absence of planning that encompasses Law No. 11,645/2008 was evidenced, as well as the outdated status of playful potentials to educate for diversity. The result of this research is embodied in the production of the textbook entitled “*Each name, a story. What is yours*”, material for the propagation of anti-racist education. In this way, we hope that the study will be used by other researchers, continuing the propagation of anti-racist education.

Keywords: large-scale assessment; learning assessment; right to education

1. Percursos introdutórios da ERER

A necessidade de existir e pertencer é inerente ao homem. Quando compreendemos nosso lugar de origem, os desdobramentos da roupagem que fazemos uso, o existir, ganha significado. Tal compreensão abrange também o campo dos saberes que está inserida a Educação para as Relações Étnico-Raciais - ERER. Notamos que, a existência de obrigatoriedade legal, através da Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, não são obedecidas de maneira suficiente para propagar a temática da diversidade e todo campo do saber que abrangem as contribuições dos povos originários e africanos.

É através do sentimento de pertença que o empoderamento acontece. As contribuições deixadas pelos nossos ancestrais são inúmeras, contudo, por vezes o enfoque sobre eles

Citação: COSTA, Geisa M. N. e de Lima Mendes, M. P. Personificação da educação para as relações étnico-raciais: percursos da prática educativa lúdica. Cad. Fís. UEFS, 22(01):1601.1-08, 2024.

Recebido: 12/05/2024

Aceito: 23/06/2024

Publicado: 27/06/2024



Copyright: © 2024 Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

segue um percurso eurocentrado e comprometido pela ótica do colonizador. É preciso romper com estereotípicos e oportunizar a propagação dos saberes sob a égide dos invisibilizados.

Dito isso, o estudo voltou-se para o objetivo de existir e em busca de alcançá-lo trabalhamos para registrar de maneira autêntica e ética, a identificação de como as práticas educativas aconteciam no âmbito escolar e ainda, se estas circundavam por utilizar as articulações lúdicas nas suas ações. De partida, entendemos que a compreensão do conceito de educação antirracista é fundamental, realizamos esse registro alicerçadas em Ferreira (2012, p. 2):

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal.

As concepções dos espaços educativos como produtores dos saberes, ultrapassaram fronteiras e, diante disso, a visão de que fora dos muros da escola há uma fábrica de conhecimento. Assegurar que somos seres incompletos, foi um presente advindo de Freire (1996), assim, o que acontece é que, vamos constantemente encontrar lugar e sentido para os saberes auferidos no processo de crescimento com e junto, dos nossos ancestrais. A educação que emancipa tende a dar espaço para o repensar e, neste percurso encontra ressonância para as demandas de ordem pessoal e de autoconhecimento, agregando avaliações ao currículo da vida que, incorporado as cosmovisões adquiridas na trajetória formativa, fazem surgir as estratégias de inserção e personificação, antes despercebidas pelas ciladas da visão eurocentrada.

A concepção da educação antirracista incorporada aqui, enseja demarcar que não há como negar a necessidade de educar e aprimorar os conhecimentos acerca da ERER, e ainda asseveramos que a condição libertadora só emerge para àqueles que já despertaram para necessidade de romper com os estereótipos deixados pela branquitude. De acordo com Gomes em seu artigo intitulado “Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação”, a autora pontua que,

...não há como negar que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do acontecer humano. Porém, não é contraditório que tantos educadores concordem com essa afirmação e, ao mesmo tempo, neguem o papel da escola no trato com a diversidade étnico-racial? (p. 143 – 147).

Dialogando com a visão da autora, as constatações sobre a necessidade do estudo são evidentes. Vivemos num país essencialmente negro, pois conforme o Censo de 2023 o percentual era de apenas 7,4% há 10 anos, em 2012 de uma população que se declarava negra. O levantamento demográfico mostrou que, o maior grupo racial do país é da população que se declarou parda, com 45,3%. Em 2022, 10,6% dos brasileiros se declararam pretos, contra apenas 7,4% em 2012. Foi o maior aumento entre os grupos raciais brasileiros. Esse dado reforça a questão pontuada por Gomes, como um país com tanta diversidade não educa nesta visão de pertencimento?

Bento (2022), assevera que,

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos

Artigo apresentado no Seminário Interinstitucional dos Mestrados Profissionais da Área de Ensino (SIMPAE), realizado entre os dias 18 e 21 de outubro de 2023, em parceria entre UEFS e UFRB.

grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro (p. 14-15).

Essa relação de segregação e incorporação de pertencimento que subjuga para encurralar o oprimido de tal maneira que não seja possível perceber-se negro, precisa urgentemente ser desvelada/erradicada. As relações humanas tendem a alargar saberes, mas para tanto, os movimentos que destacamos aqui de emancipação humana e personificação da população afro-brasileira e indígena, precisam dessa mudança de postura nos espaços formativos formais e informais e, sem dúvida de processos formativos integrativos, interdisciplinares e diversos. Ensinar antirracisticamente é transgredir os ditames eurocentrados da branquitude e, auferir pertencimentos ao longo do processo de reconhecimento das contribuições dos nossos ancestrais.

Sendo assim, a necessidade deste estudo é notável e, no campo dos saberes a EREER tem sua máxima na propagação dos conhecimentos oportunizando saberes através de uma educação liberadora. De acordo com Freire (2022), ensinar requer algumas exigências, das quais destacamos: rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; exige ainda, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural.

De acordo com Veiga (1995), a prática educativa deve considerar o conhecimento acumulado na sociedade como processo formativo que ocorre como necessário à atividade humana. Asseveramos então que, a prática educativa é fenômeno social e universal fundamental à existência de todas as sociedades.

Diante disso, ensinar exige coragem de educar para diversidade, incluindo a todos e respeitando que, como seres inacabados, o processo do aprendizado é contínuo. Notadamente, a proposta do estudo fincou-se em raízes que o racismo tentou e tenta, destruir. Portanto, romper com todas as formas de discriminação, desrespeito, segregação e quaisquer atos que venham a subalternizar é o alvo a alcançar.

Incorporadas desses aspectos introdutórios da EREER, centramos que a ludicidade foi o elemento articulador que trouxe leveza e presença, inteireza e paz, ao ato de pesquisar, já que as pesquisadoras também vivenciaram suas incompletudes no processo. Quando Luckesi (2002, 2005), conceitua ludicidade como um estado do sujeito que vivencia uma experiência de forma plena, o autor, aprenda-a como sinônimo de plenitude da experiência, da invisibilidade entre o pensar/sentir e fazer. O estado de leveza promoveu aos sujeitos e pesquisadoras do estudo, a oportunidade de ressignificar e revisitar suas práticas educativas.

E nesse panorama, a EREER ensinada de forma interdisciplinar houve suporte da ludicidade, para ganhar espaço nas rotinas educativas. Referimo-nos ao estado de ânimo, conforto e entrega que as articulações lúdicas integraram na assimilação dos saberes, produção e construção de conhecimentos significativos.

2. A EREER personificada

Conviver com as diferenças engrandece à vida em sociedade, porém, a realidade que deparamos diariamente não acontece com essa tamanha abertura de mente. Já que, perceber essa realidade também é um sinal da evolução humana. E, com intuito de plantar a semente do saber, ou adubar conhecimentos, a personificação da EREER é um dos pontos do estudo que abordaremos agora.

De acordo com Silva (2021, p. 15), “as crianças negras ainda na educação infantil iniciam o processo de auto-rejeição do seu fenótipo enquanto as crianças brancas ou assemelhadas a brancas iniciam o processo de rejeição do outro diferente pela internalização de estereótipos inferiorizantes”.

Inferimos a partir da autora que, a percepção das diferenças em tempo acontece concomitantemente com as relações dos conteúdos estereotipados que estes têm acesso no seu

processo formativo, ou seja, as exposições dos indivíduos em situações de desvalorização, subalternidade, malícia e ações ilícitas aparecem nos conteúdos educativos associados à figura dos africanos e indígenas,

Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse outro sob rejeição ou suspeita. Por outro lado, a vítima do preconceito pode vir a internalizá-lo, auto-rejeitando-se e rejeitando àqueles que se assemelha (Silva, 2021, p. 21).

Dessa maneira, a personificação precisa ser revista de forma rápida e urgente. A percepção omissa destes materiais educativos, comportamentos, linguagens e qualquer outra forma de evidenciar um indivíduo em detrimento de outro, seja pela cor de pele, raça, etnia, escolha religiosa, entre outras, deve ser erradicada. Notamos que, a falta de uso oportuno de gerar valor a cada oportunidade, pode vir a criar “pequenos semideuses”, quer dizer, pessoas em processo formativo que ainda não possuem reportório suficiente para derrogar ações racistas expostas de maneira sutil ou escancarada, e que agem de forma equivocada/frenética.

Por isso, acentuou Cavalleiro (2021, p. 20) que “a despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola, pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores”. Essa consideração coloca em evidência que, o processo educativo acontece em âmbito formal e informal, mas que, a reverberação também alcança a ambos. Por isso, o silenciamento deve ser combatido quando nos deparamos com comparativos que venham a desmerecer, a desvalorizar a diversidade.

Gomes (2002) destaca no artigo “Educação e identidade negra”, destaca que,

O mais curioso é que, como a educação e a identidade negra participam de processos particularmente imbricados, quando pensamos a sua realização dentro do ambiente escolar, muito desse fascínio e dessa complexidade se perde, sendo aprisionados por um olhar “escolar”, que de pedagógico e de condutor, no sentido etimológico da palavra pedagogo, resguarda muito pouco ou quase nada. Isso fica mais evidente quando pensamos na especificidade do segmento negro e na sua relação com a educação escolar brasileira: a diferença racial é transformada em deficiência e em desigualdade e essa transformação é justificada por meio de um olhar que isola o negro dentro das injustas condições socioeconômicas que incidem, de modo geral, sobre a classe trabalhadora brasileira (p. 40).

Notadamente a autora, destaca que a diferença racial reconhecida de forma equivocada como deficiência tende a contextualizar uma forma visão ainda mais distorcida/desfocada da identidade negra. Assegurar que a condições sócios econômicas inferem nas oportunidades de acesso as pessoas negras é fato, mas, não é possível a nível de mensurar capacidade ou força. Mas uma vez, a evidência do educar transgressor da educação antirracista grita por espaço e necessidade. Uma visão hegemônica populacional segregou por anos os povos africanos e indígenas, o clamor aqui é o educar transgressora contra hegemônica.

Mesquita (2019), parafraseando Gomes (2005), consolida um olhar sobre a identidade negra perfazendo o destaque sobre as relações históricas da sociedade com a exclusão escolar racializada.

A identidade negra é então construída social, histórico e culturalmente, e sua legitimação depende de um reconhecimento social. A construção de uma identidade negra também abarca um sentido político, como

tomada de consciência de si como pertencente de um grupo societário a parte e com problemas específicos e o compromisso de constituir-se como força política, disputando sua emancipação. A instituição escolar tem especial papel nessa construção (p. 55).

Hooks (2013), partilha ideias, estratégias e reflexões sobre a prática pedagógica, apresentando de forma contundente a educação como prática de liberdade. No cotidiano nos comportamos de formas diferente nos espaços diversos que ocupamos, mas, a demarcação do nosso existir não difere de acordo com os locais que adentramos. Assim, vivemos o constante diálogo entre o nosso ser interior e o mundo que nos cerca

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. [...] ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e íntimo (Hooks, 2013, p. 25).

O respeito que a autora pontua, reverbera no objetivo deste estudo que, busca através das articulações lúdicas, transpassar espaços ainda travados para o educar que personifique para qualificar e ainda que, essa ação não siga o perfil da cor de pele para atestar juízo de valor. A educação como prática de liberdade é ensinável e passível de mudar cenários racistas, em lugares de pertencimento e curas ancestrais.

Personificar a EREER deve perpassar por outros campos e olhares, como afirma Nelson Mandela em um dos seus dizeres assegurando que “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, ou pela origem, ou religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinados a amar”. Mandela, traz uma reflexão atemporal. É preciso romper com os estigmas, destravar os contatos sejam crianças ou adultos e, reestabelecer os processos de forma respeitosa e humanizada.

3. Prática educativa lúdica antirracista

Diante do exposto até aqui, o estudo costurou um processo educativo que mapeou a necessidade de respeitar a diversidade, trouxe que a educação antirracista acontece dentro e fora dos espaços escolares, e que, na escola o campo de construção de saber crítico e reflexivo é um terreno fértil e este, deve ser semeado com adubo de qualidade (informações verdadeiras e éticas). Nesse panorama, a inserção da temática da ludicidade permitiu que as práticas educativas ganhassem nova roupagem. Praticar a EREER cotidianamente requer compromisso na promoção do saber com a diversidade.

De acordo com Costa (2023),

articular a prática educativa reflexiva, crítica e coerente é uma demanda que requer muito mais que conhecimento sobre a temática, é preciso ser um educador crítico, democrático, ético, estético e ajustar o conteúdo com o mundo contemporâneo e, compreender que o nosso conhecimento de mundo tem historicidade (p. 41-42).

Pensando assim, os enraizamentos que as práticas educativas podem estar inseridas devem ser uma preocupação do educador consciente e desperto para a EREER. Por isso, no estudo os diálogos foram de suma importância para que visitássemos os repertórios dos sujeitos da pesquisa e, de posse destas informações, pudéssemos de forma científica ressignificar com eles, os sujeitos, as práticas identificadas com tendências desatualizadas.

O despertar lúdico para a EREER é proveniente de um estado de inteireza que o sujeito obtém com a compreensão do mundo que o cerca, sentindo-se pertencente/parte deste. Desta a personificação da EREER equivocada que decorre de privilégios a uns em

detrimento a outros, tem um *modus operante* que gera separação e conflitos e, fortalece o racismo estrutural.

Almeida (2018) assegura que o racismo estrutural é um processo social, histórico e político. Dito isso, compreender como a EREER é vista e estudada e, sua reverberação trouxe que, muitas vezes, a propagação dos saberes tem concepções desatualizadas acerca da temática que envolve os africanos e indígenas e ainda, as instituições não promovem formações e materiais que integrem os saberes para a diversidade, mesmo diante da Lei nº 11.645/2008.

Necessitando de materiais e produção de saberes que possam reconfigurar essa personificação tão eurocentrada e, ainda não erradicada. Neste ínterim, a construção de material didático trouxesse a figura do negro e dos povos originários com propriedade, verdade e cientificismo tão urgente precisava acontecer.

O desfecho desses saberes articulados, a EREER com a ludicidade na prática educativa, foi um projeto que vingou. Focamos na humanidade e atualização dos saberes e, nos abastecemos de conhecimentos que foram moldando a cada encontro, leitura, escrita, o cruzamento de informações que gerou um fruto que tem contribuições de muitas esferas: o livro paradidático intitulado “*Cada nome, uma história. Qual é a sua?*”, construção feita com e para os pares.

Nesta obra, o desenho educativo do livro visa trazer à alusão uma aula antirracista onde o protagonismo estudantil tem espaço e, é veículo de informação que promove e propaga o respeito às diferenças; e ainda, proporciona aos leitores da obra a percepção de descobrir a sua própria ancestralidade. Deixamos aqui apenas o “*spoiler*” desta obra construída com amor, dedicação, conhecimento e ressignificação, está disponível na plataforma EduCapes e no site da Quipá Editora.

4. Metodologia

A abordagem do estudo adotada foi a pesquisa participante, por se tratar de temáticas com contexto dinâmico e, diante do lastro temporal possível às participantes do estudo houve a necessidade de estar presente e atuar de forma integrativa durante o processo de pesquisa. Alicerçamos o estudo no viés metodológico de acordo com as abordagens de Brandão (2006), Freire (1996), Bogdan e Biklen (1994), Zabala (1998) e André (2013).

De acordo com Zabala (2014), por trás de qualquer prática sempre há uma resposta a “*por que ensinamos*” e “*como se aprende*” (p.43)

[...] as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos meninos e meninas; enfim, a maneira e a forma como se produzem as aprendizagens são o resultado de processos que sempre são singulares e pessoais (ZABALA, 2014, p. 44).

Ensinamos por compreendermos que o mundo que estamos inseridos pede renovação e compartilhamento de saberes e, sem dúvida pela urgente necessidade de romper com toda forma de preconceito e discriminação. Ao aprender sobre a EREER, nossas capacidades ganham refinamentos, e o ato de educar com rigor metodológico permite que adentremos em espaços antes vistos com intransponíveis.

Para levantamento dos dados, utilizamos o questionário no primeiro momento, em seguida, a entrevista semiestruturada e durante todo o processo do estudo em campo, a observação participante. Por compreendermos a potencialidade que a ludicidade detém na educação, pontuamos que os estudos sobre a temática foram alicerçados em Lukesi (2000/2002), pois,

assevera o autor em seus estudos, a magnitude da geração do saber respeitando o estado de inteireza do sujeito.

Na elaboração das análises, tomamos por base o objetivo da pesquisa: identificar como se constituem as práticas educativas para a Educação das Relações Étnico-Raciais desenvolvidas pelos professores do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma unidade de ensino da rede Municipal de Feira de Santana bem como o uso e entrelaçamento da ludicidade nesse processo.

Sob a égide da categorização, apresentamos os dados que levantamos e, diante das informações obtidas, sugerimos as categorias afloradas no decorrer da análise, estas dão suporte para a configuração de trazer eticamente os elementos apontados. Entretanto, como alertam André e Lüdke (1986):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações (p.49).

Diante da concepção das autoras citadas anteriormente, ratificamos que o embasamento categórico que enveredamos, aqui, abarca as situações que mais se destacaram sobre as temáticas nos contatos ocorridos com os participantes da pesquisa e, principalmente, por compreendermos este momento como o processo ideal de organizar informações/objetos e como estes são reconhecidos e classificados pelas atrizes do enredo. A análise e tratamento dos dados, obtidos no estudo, foram realizados por meio da Categorização.

Assim, para tratar de assuntos tão necessários e, ainda pouco tratados na sociedade em meio educacional, as articulações lúdicas propiciaram abertura de campo e espaços que, possibilitaram resultados profícuos na pesquisa.

5. Discussão dos resultados esperados

Os dados produzidos demonstraram a necessidade de atualização urgente nas práticas educativas que incluam a diversidade e que, estejam alicerçadas nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que dão base e suporte legal ao educar para EREER em contexto interdisciplinar, em todo ano letivo e, não só em datas pontuais.

Destacamos também, a necessidade de reforçar os mecanismos e articulações lúdicas para ensinar de modo a alcançar todos os educandos, tendo a sensibilidade para as demandas pontuais que o âmbito educacional absorve e que, não estão presente no planejamento rotineiro, mas que, interfere nas ações educativas. Os diálogos com os sujeitos da pesquisa não se encerraram pós o estudo pois, não tratamos de todas as demandas que a temática detém; contudo, asseveramos que, nosso campo de estudo foi alcançado.

6. Considerações Finais

Esperamos que o estudo, seja base para outras pesquisas e que estes, deem continuidade à propagação da educação que rompa com os ditames eurocêntricos. A personificação da EREER, deparou-se com a necessidade de reforçar os mecanismos e articulações lúdicas para educar de modo a alcançar todos os estudantes, propiciando o protagonismo através de suas histórias de vida que, possuem um arcabouço de valores e conhecimentos orquestrando o processo de evolução que tanto carecemos alcançar.

Queremos aqui, enfatizar que os aprimoramentos das práticas educacionais são necessidades notadas/reformuladas/ressignificadas. Fazemos essa afirmação devido a incorporação do saber que está em cada indivíduo, porém silenciada, isto é, ainda quando crianças aprendemos a correlacionar as informações para dar vida e sentido as mesmas. E assim, é

permitido nos teletransportarmos para vivermos experiências que os livros nos convidam com suas histórias de contos e recontos, porém, com o olhar desperto, antirracista e contra hegemônico.

Referências

- ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sare. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa Participante: a partilha do saber. Aparecida – SP: Editora Ideias & Letras, 2006.
- BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. 10 de janeiro de 2003.
- BRASIL. Lei 11.645 de 10 de março de 2008. D.O.U. 10 de março de 2008.
- CAVALEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- COSTA, Geisa Martins Nogueira. Cada nome, uma história. Qual é a sua? Iguatu – CE: Quipá Editora, 2023.
- COSTA, COSTA, Geisa Martins Nogueira. Enlace da Educação para as Relações Étnico-Raciais com a Ludicidade na prática educativa: um entrelaçamento possível? Feira de Santana; 161 páginas, 2023.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. Revista Educação Pública, Cuiabá, V. 21, p. 275-288, maio/agosto.2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Edição 72ª. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. Superando o racismo na escola, v. 2, p. 143-154, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. Aletria: Revista De Estudos De Literatura, 9, 38–47. (2002). <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9.38-47>.
- Hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013-2017. 283p.
- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População que se declara preta sobe no Censo 2022 no Brasil. Brasília, DF: IBGE, 2023.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). Educação e Ludicidade – Ensaios 02, GEPEL/FACED/ UFBA, 2000/2002, p. 22-60. Disponível em: www.luckesi.com.br.
- MESQUITA, Tayná Victória de Lima. Exclusão Escolar Racializada. 1ª Edição. Jundiaí. Paco Editorial, 2019.
- SILVA, Ana Célia da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador: EDUFBA, 2021.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção coletiva. In: Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papyrus, 1995.
- ZABALA, Antoni. Prática Educativa: como ensinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.
- ZABALA, Antoni. prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Penso 2014.

Isenção de responsabilidade/Nota do editor: As declarações, opiniões e dados contidos em todas as publicações são exclusivamente de responsabilidade do(s) autor(es) e colaborador(es) individual(is) e não do Caderno de Física da UEFES e/ou do(s) editor(es). O Caderno de Física da UEFES e/ou do(s) editor(es) isentam-se de responsabilidade por qualquer dano a pessoas ou propriedades resultante de quaisquer ideias, métodos, instruções ou produtos mencionados no conteúdo.